

A emergência da subjetividade na leitura e na escrita, das associações intertextuais à produção de paródias¹

Katia Arilha Fiorentino Nanci (USP)

Resumo

A boa leitura acontece quando evoca memórias de outros textos e palavras. Tais associações são feitas a partir do repertório prévio subjetivo, mas podem acontecer mais intencionalmente quando entram em jogo a intertextualidade e a interdiscursividade no ensino da leitura e da escrita.

A partir de leituras literárias, podemos observar características associativas da linguagem, tais como condensações e deslocamentos - efeitos metafóricos e metonímicos de sentido. Queremos exemplificar como as associações das leituras de entre-textos podem promover a emergência subjetiva na escrita criativa. Para tanto, analisaremos uma paródia produzida por aluna do EF, levando em consideração o repertório literário previamente mobilizado em aula. Quando o professor trabalha com textos estéticos, mobiliza um repertório imaginário e simbólico que transmite não somente o sentido das palavras e da leitura, mas também o impossível de significar e a constante busca de significação. O aproveitamento dos processos associativos na linguagem contribui para a criação de uma rede de sentidos, feita por cada sujeito. É um importante procedimento de leitura que pode também favorecer a escrita inventiva².

Palavras-chave: leitura literária, processos associativos, subjetividade, intertextualidade, paródia.

Introdução

A linguagem estética: a possibilidade de encontrarmos na leitura literária repertório e expressões elaboradas da língua; a possibilidade de lidar com esses elementos na escrita – esses são conteúdos interessantes no ensino de língua portuguesa que, se bem trabalhados, são

¹ O presente artigo é fruto de apresentação em GT no X Encontro Tricordiano de Linguística e Literatura, e foi divulgado nos Anais do evento (Anais do X Encontro Tricordiano de Linguística e Literatura - ANO 2020. Universidade Vale do Rio Verde / Departamento de Letras – Três Corações / MG, ISSN: 2594-6536), que podem ser acessados pelo link: https://www.unincor.br/images/imagens/institucionais_mestrado/anais/anais-do-x-encontro-tricordiano.pdf. Último acesso em 21 de abril de 2021.

² Este trabalho retoma parte das reflexões constantes no capítulo 3 da tese de doutorado de NANJI, K. A. F., 2017, mencionada nas referências bibliográficas ao final.

capazes de propiciar uma aprendizagem significativa aos alunos do Ensino Fundamental, na leitura e na escrita. A literatura revela um caráter intrínseco da linguagem – polissêmica por natureza, é representação que remete a objetos do mundo e a sentidos variáveis vindos de outros textos ou de outras memórias, ou seja, é feita de intertextualidades, de interdiscursividades. Essa rede de expressões que tece a linguagem, que a literatura também abarca e dá a ver de forma mais evidente, ao ser trabalhada ao longo do currículo escolar, favorece o alcance do objetivo principal do ensino de Português.

Quando o professor trabalha com as formas mais expressivas da língua e seus processos associativos próprios à polissemia, oferece uma entrada na linguagem poética que põe em jogo a subjetividade do aluno, a qual pode então ocupar um espaço entre textos: entre as leituras feitas e as memórias que essas leituras evocam, sejam memórias de outros textos, sejam memórias de experiências de vida. Podemos conceber então uma “*subjetividade de entre-textos*, mais predisposta aos efeitos languageiros, às surpresas próprias da linguagem e de seus efeitos metafórico-metonímicos” (BELINTANE, 2017, p. 35). Quando os alunos encontram na linguagem essa possibilidade de expressão, engajam-se em explorar seus efeitos na leitura e na escrita. Para exemplificar um trabalho que pode levar em conta essa dimensão, analisaremos propostas de leitura e uma consequente produção escrita, retomando também os conceitos de paráfrase e paródia observados por Belintane (2015) a partir dos conceitos psicanalíticos de alienação e separação (LACAN, 2008). A separação teria como correlato a paródia, porém supõe primeiramente uma assimilação do texto a ser parodiado, ou seja, um movimento prévio de paráfrase, ou seja, de alienação no texto.

Os efeitos metafórico-metonímicos foram observados por Lacan (1998) a partir das considerações de Freud (1996) sobre os processos de condensação e deslocamento nos sonhos, e das contribuições de Jakobson (1995) sobre os processos de similaridade e contiguidade na linguagem. Laurent (1997) afirma que Lacan deu um novo passo em seus estudos de psicanálise quando introduziu os conceitos do par alienação-separação. Se por um lado a metáfora e a metonímia eram mecanismos da linguagem similares aos processos de condensação e deslocamento na formação dos sonhos e no inconsciente, portanto essenciais à interpretação na psicanálise, por outro lado o par alienação-separação dava conta de definir o processo psicanalítico com o primeiro termo, e a fase final de análise com o segundo. Nosso embasamento em tais conceitos se justifica na medida em que vamos estabelecendo relação

entre eles e o estudo da linguagem, pois, como diz Lacan (1998), o inconsciente é estruturado como linguagem. Para iniciar, retomemos tais conceitos.

1. A condensação e o deslocamento – processos associativos

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud esclarece que as imagens oníricas são ‘um modo de dizer’, pois podemos “ler” os sonhos buscando substituir cada elemento por uma palavra que possa representá-lo, e então o texto assim composto passará a fazer sentido, chegando a formar frases poéticas carregadas de significado. O autor lembra que “os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos” (FREUD, 1996, p.305), havendo em suas imagens um *trabalho de condensação*. Nas associações produzidas a partir do relato do sonho e na tentativa de interpretá-lo, veem-se novas ligações que, de alguma forma, já estavam condensadas nas imagens dos sonhos e mostram os pensamentos que as formaram. Uma outra característica do processo de formação do sonho é o *trabalho de deslocamento*, que faz uma distorção do desejo do sonho existente no inconsciente (FREUD, 1996, p.333-4). Assim, o psiquismo atua de forma a condensar e deslocar pensamentos oníricos para que o desejo seja, de alguma forma, realizado nos conteúdos do sonho. O aspecto ‘surreal’ dos sonhos se dá por tais processos associativos.

Podemos observar que o mesmo acontece com as palavras na literatura – na prosa e na poesia. A estrutura da linguagem vista no inconsciente é semelhante à que vamos encontrar na linguagem literária; por exemplo, as palavras de teor conotativo são muitas vezes despojadas de seu significado primeiro e seu significado se desloca; na metáfora, outro exemplo, a imagem trazida condensa dois diferentes significados em um só. Ainda, a poesia pode conter condensação e deslocamento quando a imagem sonora de uma palavra é semelhante a outra, operando como rima. A “realização do desejo” no texto literário está em seu formato estético, que é garantido por esses efeitos ou jogos de linguagem e que traz prazer ao leitor, ou ao escritor, ao trazer emoções à tona - ao encantar mostrando-se como um talismã equivalente a nossas experiências e, por isso, ordenador de nossa visão de mundo.

2. A leitura literária e a intertextualidade, metáfora e metonímia

Lacan (1998) lembra que é toda a estrutura da linguagem que a psicanálise descobre no inconsciente. O autor evoca as duas vertentes do efeito do significante na criação da significação. São elas, a metáfora e a metonímia, retomadas a partir do estudo feito pelo

linguista Roman Jakobson (1995), quando tratava do eixo de seleção de palavras (eixo paradigmático da linguagem, ou campo metafórico) e do eixo de combinação de palavras, a sintaxe (eixo sintagmático, ou campo metonímico). Os dois campos também correspondem aos processos de formação dos sonhos, condensação é metáfora, deslocamento é metonímia.

O sujeito necessita de laço com o outro (os responsáveis, os professores) para entrar na linguagem falada e escrita, laço cuja flexibilidade está nos jogos metafórico-metonímicos da linguagem. A oralidade poética e a literatura são campos propícios a esse laço, pois põem o professor-contador-poeta-leitor como uma espécie de articulador desse campo. Nos jogos de linguagem presentes na literatura, pode-se entrever sua dinâmica: palavras e situações que no cotidiano são marcadas por um valor anódino, na poesia ganham intensidade, assim como ocorre nos conteúdos oníricos. Entrar bem na dinâmica do letramento é processo que supõe a passagem pelas condensações e pelos deslocamentos que a linguagem abarca.

Lacan (1998, p.501) esclarece que a significação na linguagem se sustenta pela sua remissão a outra significação, permitindo um fluxo significante de alto valor. A palavra, o significante: seu sentido denotativo pode ser muitas vezes apagado, descartado, para se chegar a outras conotações. Daí advém a polissemia. Estar exercitado nessa fluidez de significação evidencia-se como algo importante na leitura literária, mas também em todas as outras leituras, pois as palavras, por mais que seu uso se pretenda objetivo, sempre estão sujeitas às relações estabelecidas no contexto em que são usadas, e podem ainda estar sujeitas às relações com outros textos e discursos que elas podem evocar. Importa a ligação entre palavras usadas, a ligação entre significantes, que produz sentidos polissêmicos nos textos e evoca outros textos ou memórias particulares, na busca de sentido. Como observa Lacan (1998, p. 508): “essa estrutura da cadeia significante revela a possibilidade que eu tenho [...] de me servir dela para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz. Função [...] de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade”.

3. Alienação e separação na escrita, da paráfrase à paródia

Belintane (2015), em seu artigo “Alienação e separação na paródia: estratégia para produção de texto com alunos de 9 anos”, trata da parodização de gêneros do repertório infantil como estratégia que contribui para a reformulação do imaginário da criança e enriquece a produção textual dos alunos, quantitativa e qualitativamente. Em sua análise de textos de alunos a partir de duas consignas diferentes, observou que na paródia os alunos escrevem mais e ampliam suas possibilidades discursivas. A paródia ajuda a criança a reformular seu imaginário

sobre uma história qualquer, “quebrando” um pouco da aderência excessiva ao imaginário original (aderência é alienação, paráfrase), e imaginando outras possibilidades para aquela história, ou imaginando outras histórias (descolar-se é separação, paródia).

Ao levar em conta essa dimensão psíquica da paródia, o autor aproxima esse conceito literário e discursivo dos conceitos de “alienação e separação” criados por Lacan (2008). Belintane justifica a aproximação destes conceitos ao constatar que “a entrada da criança na linguagem se dá a partir de um processo de alteridade em que os movimentos de ‘alienação’ e ‘separação’ põem em jogo a própria dinâmica subjetiva da linguagem” (BELINTANE, 2015, p.57). É preciso primeiro entrar na linguagem, alienar-se nela, para depois separar-se para uma leitura mais polissêmica. O autor analisa textos de alunos do quinto ano, momento de transição entre ciclos escolares em que ocorrem bruscas mudanças no currículo e na relação pedagógica. No ensino da língua portuguesa, há também grande mudança: o aluno já se depara não somente com textos da infância, mas agora é convidado a ler e compreender textos literários mais complexos, de autores consagrados e até do cânone nacional e internacional. Belintane observa que documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais não fazem menção a estratégias de transição, no exercício da produção escrita, de um ciclo a outro, tema que deveria ter relevância na busca de uma melhor equação para essa passagem. Para tanto, Belintane propõe a parodização como uma possível estratégia de escrita.

De acordo com o autor, a paródia permitiria a desconstrução de estruturas textuais e temáticas já muito conhecidas e abriria espaços a leituras e produções textuais mais complexas, menos formulares. Para a paródia acontecer, é necessário primeiro haver uma absorção da estrutura ou da temática do texto-matriz, mesmo que depois fique sujeita à ironia. A paródia assume assim um texto para transcendê-lo, recriando seus temas e formas. Assim como a alienação é condição para a separação, a interiorização do texto original é exercício para o jogo paródico; o sujeito que escreve a paródia ocupa um espaço de entre-textos e também um espaço “entre-leitores”, já que o leitor da paródia precisará conhecer o texto-matriz para entrevê-lo no novo texto. Um efeito que a paródia pode suscitar é que “ao parodiar textos clássicos da literatura infantil [...] o aluno pode também atravessar esse imaginário fortemente polarizador, em que o bem e o mal se põem como instâncias fixas” (BELINTANE, 2015, p.63), desconstruindo assim uma moral muito fixada. A paródia como estratégia didática pode então servir para que os alunos conheçam melhor a forma de um texto e o estilo de um escritor, ao mesmo tempo que permite rupturas com textos canonizados. Belintane (2015, p. 64) lembra

que “a paródia é um dos recursos mais produtivos na literatura moderna e contemporânea, além de figurar também como uma estratégia na imprensa, na publicidade, no cinema”. Além de a paráfrase e a paródia poderem ser comparadas à condensação e ao deslocamento, propostos por Freud para explicar o funcionamento dos sonhos, o autor propõe que “a paráfrase marca o campo da continuidade discursiva, mais próximo da semelhança e, portanto, da alienação; a paródia quebra a continuidade, explicita a dessemelhança, deslocando os elementos mais fortes do texto matriz” (BELINTANE, 2015, p.64), chegando à separação.

4. Analisando um texto parodístico

Exagerado (Cazuza)
Amor da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos foram traçados
Na maternidade [...]

A canção “Exagerado”, de Cazuza, fez parte da produção de texto proposta nos anos de 2012 e 2013 a meus alunos do sétimo ano, nas aulas de Português de um colégio particular da Zona Oeste de São Paulo (Colégio Giordano Bruno³). A produção da paródia a partir da canção foi o último exercício feito a partir da audição e da leitura da música; antes disso, em meio a um estabelecimento de relações com o estudo de poesia romântica brasileira que fazíamos naquele trimestre, desde seus temas até as características estruturais da poesia, fizemos também um exercício de reconhecimento dos adjetivos oriundos de participípios de verbos, na canção original.

Dentre algumas propostas de produção de texto, a paródia se configura como uma produção em que os alunos podem explorar a criatividade a partir do trabalho com um texto já conhecido. Acima observamos que os alunos tentaram manter a métrica de versos e inserir rimas, obtendo algum sucesso. Métrica e rima eram alguns dos conteúdos trabalhados no estudo da poesia. Vejamos um texto produzido a partir da proposta já apresentada:

³ Cabe explicitar que toda a sequência didática apresentada a partir de agora foi elaborada por professores do Colégio Giordano Bruno e, portanto, já fazia parte do currículo da escola quando lá passei a lecionar. Desta forma, posso afirmar que a elaboração desta reflexão é fruto da experiência que lá tive com os alunos e que, então, fez parte da minha formação como professora.

*Irmã da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos foram traçados
Na maternidade*

*Quando entra no meu quarto
Leva mil coisas roubadas
Para desculpar suas mentiras
Suas mancadas*

*(refrão) Exageirada
Jogada aos pés da mamãe
você é mesmo exagerada
Adoro você mesmo assim*

*Você bate os pés
Se ninguém nunca te notar
Vamos brincar o tempo inteiro
Só para você não me odiar*

*E por você eu largo tudo
Vou dançar, correr, brincar
Até seus desenhos assistir
Para você é agora ou nunca mais*

*(repetição do refrão)
E por você eu largo tudo
Dever, Kumon, estudos
Até as coisas mais banais
Pra mim é agora ou nunca mais*

*(repetição do refrão)
Jogada aos pés da mamãe
Com mil mentiras inventadas*

Exageirada

Adoro seu amor bagunçado

Como já observamos, a letra da música de Cazuza foi estudada como um complemento ao estudo da poesia romântica que fazíamos naquele trimestre. Também estudávamos aspectos gramaticais, no caso, adjetivos oriundos de participios de verbos, como a palavra “exagerado”. O amor exagerado, como sabemos, é mais um entre os temas presentes na poesia romântica. Interessante notar que esta aluna escolheu um tema de seu cotidiano ao qual a palavra “exagerado” pareceu lhe remeter: a irmã mais nova, “jogada aos pés da mamãe”, em lugar do eu lírico que estava jogado aos pés da amada. Vemos aí um jogo metafórico de substituição – a irmã no lugar do eu lírico da canção original. Num processo metonímico, a palavra “exagerado” lembrou as atitudes exageradas da irmã, o que provocou toda uma paródia que buscava reproduzir cenas do cotidiano do novo eu-lírico com a menina mais nova: “quando entra no meu quarto / leva mil coisas roubadas”, em vez das “rosas roubadas” anteriores. A aluna deve se haver com as faltas da irmã: “desculpar suas mentiras, suas mancadas”. “Jogada aos pés da mamãe / você é mesmo exageirada”, cena em que parece ter de ceder espaço entre ela e a mãe, para inserir a irmã mais nova, e mesmo assim tendo de amá-la: “adoro você mesmo assim”. No lugar de “nunca mais vou respirar / se você não me notar”, a irmã “bate os pés / se ninguém nunca te notar”. Também coube a ideia de que o eu-lírico conviveria com a irmã “até a eternidade”, já que seus destinos haviam sido “traçados na maternidade” pelos laços parentais: a “maternidade” da canção original serviu de metonímia para retomar a cena do cotidiano da aluna.

O eu-lírico ainda evoca cenas em que deve renunciar a suas escolhas para conviver com a irmã: “vamos brincar o tempo inteiro / só para você não me odiar”, “e por você eu largo tudo / vou dançar, correr, brincar / até seus desenhos assistir”, já que os desejos da mais nova são urgentes, “para você é agora ou nunca mais”. Ou, ainda larga seus deveres, “dever, Kumon, estudos / até as coisas mais banais / para mim é agora ou nunca mais”, ou seja, renuncia aos prazeres e aos deveres para ser companhia da caçula. A irmã, de fato, é pintada como uma “exageirada” (curiosa a hipercorreção da aluna, em “exageirada”), “com mil mentiras inventadas”, e o eu-lírico ainda deve amá-la mesmo assim, entrevendo-se aí um afeto na relação: “adoro seu amor bagunçado”.

Para além dos efeitos metafóricos e metonímicos que evocamos na paródia produzida, retomamos a ideia de que os alunos primeiramente, de certa forma, se “alienaram” no estudo da poesia romântica (ANTOLOGIA, 2006). Além do tema “amor exagerado”, presente, por exemplo, no poema de Gonçalves Dias “Se se morre de amor”, havíamos estudado autores que tratam da morte, como Álvares de Azevedo, o que podemos observar nos versos “Se eu morresse amanhã / viria ao menos / Fechar meus olhos minha triste irmã / Minha mãe de saudades morreria / Se eu morresse amanhã!”. Lemos também o poema de Casemiro de Abreu, que evoca a família em “Meus oito anos”. Vejamos um trecho:

Oh! Que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais [...]
Em vez de mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã! [...] (ANTOLOGIA, 2006, p.43)

Inferimos aqui a produção da aluna em uma posição de subjetividade emergente entre os textos por nós estudados, pois podemos entrever muitas associações que se condensaram na produção da paródia, para além da canção “Exagerado”, rearticulando-se os temas “amor exagerado”, “infância”, “mãe e irmã”, e, talvez, até “amor e morte”, já que os destinos entre irmãs foram traçados “daqui até a eternidade”. Ou seja, a autora teria de se haver com esse amor parental, mesmo tendo de renunciar ao lugar de filha que recebe todas as atenções para dar lugar à irmã mais nova.

No programa curricular desta instituição de ensino, faz parte dos estudos da poesia romântica, os alunos refletirem sobre a passagem ou transição entre infância e adolescência (sétimo ano); por isso damos alguma ênfase ao poema “Meus oito anos”, assim como ao poema do modernista Jorge de Lima, que em “Domingo” retoma a parlenda “Hoje é domingo”, evocando suas memórias, além de fazer uma homenagem a Casemiro de Abreu:

Amanhã é domingo pede cachimbo.
O galo monteiro pisou na areia.

A areia é fina deu no sino.
O sino é de prata deu na mata.
A mata é valente deu no tenente.
O tenente é mofino deu no menino.
O menino é carolho furou teu olho.

Ah! que saudades que eu tenho
da aurora de minha vida!
Ah! Casimiro, a aurora de minha vida
foi um domingo bonito:
Logo cedo o galo Monteiro cantava no pátio
e a aurora saía do canto do galo
e o Zuza da Lica, tenente da guarda,
de quepe nos olhos, botões areados,
rondava fumando a casa da Aurora!

(Aurora Carvalho — cunhada do padre!) [...] (LIMA, 1997, p.28)

Observamos neste poema os mesmos efeitos metafórico-metonímicos e intertextualidades que queremos evidenciar poderem ocorrer em textos de alunos. Jorge de Lima, a partir da parlenda, retoma cenas da infância e faz uma homenagem a Casemiro. Mas a “aurora” de Jorge de Lima não era somente metáfora da infância do poeta Casemiro. Ao ler o poema de Casemiro, talvez Jorge de Lima tenha logo se lembrado da “Aurora Carvalho, cunhada do padre”. Ou seja, o significante evoca um outro significante, vamos de “infância” para “manhã” e para uma mulher – Aurora. Dito de outra forma, as palavras são plásticas, remetem a outras (são muitas “auroras” que se desdobram: a infância de Casemiro, a infância de Jorge de Lima, o domingo logo “cedo”, a Aurora – substantivo próprio). O significante remete a diversos significados. Também “a aurora saía do canto do galo” é uma imagem poética. Sabemos que o que sai do canto do galo é um som, mas, para o poeta, sai uma “aurora”, uma “manhã”. Voltamos, assim, à magia da condensação: o galo canta na aurora, mas para o poeta a aurora sai como mágica de seu canto, e aí a ligação não usual entre tais significantes provoca a polissemia e a expressividade do poema.

Na leitura com os alunos, enfatizamos que Jorge de Lima retomava Casemiro para falar de sua infância, ao mesmo tempo que brincava com a parlenda que retomava da memória.

Creemos que mais esta leitura de “Domingo” serviu de estofó para nossa aluna posteriormente compor sua paródia. Ainda, como vemos nessa proposta curricular, apesar de termos a poesia romântica brasileira e o estudo dos adjetivos/verbos em nosso planejamento, a articulação entre conteúdos vai muito além, não deixando de lado poetas e compositores de outras épocas, ao mesmo tempo que procuramos ofertar ao aluno temas relevantes nesse momento de passagem da infância para a adolescência (no sétimo ano, nessa escola, os alunos, além de estarem já no ensino fundamental II, passam das aulas da tarde para o período da manhã e começam a conviver com os mais velhos).

Fica evidente, a partir dessa retomada, que inconsciente e consciente estiveram imbricados na composição da aluna, plena de associações. Para além de simplesmente se fixar no significante “irmã mais velha”, a aluna pôde aqui comparecer como sujeito-autor, transformando a situação de seu cotidiano em mote para a paródia. Aí vemos o processo “alienação-separação” de maneira bem prática.

Conclusões

O que faz o aluno mergulhar, alienar-se, em leituras? É o texto em si ou o seu acontecimento? O acontecimento do texto, como vimos, desvela-se por meio de sua expressividade que convoca memórias do leitor. Além de terem-se posicionado subjetivamente entre os textos lidos, a boa escrita aconteceu quando os alunos conseguiram evocar suas memórias e assim colocar expressividade semelhante em seus textos. Essas associações da memória – com suas condensações e deslocamentos, ou relações metafórico-metonímicas e intertextualidades – é o que leva à empolgação da escrita da paródia.

Com as retomadas teóricas e análises feitas, quisemos apontar para a importância de o currículo de língua portuguesa estar pautado num estudo da língua que leve em conta a literatura e sua estética, ao haver espaço não só para estudos gramaticais e conceitos literários abstratos, mas antes para as associações entre expressividade e redes de memória dos alunos, ofertando o encantamento com textos literários. Esse enredamento contribui para a formação de novas memórias que poderão retornar e se enredar a novas leituras e escritas desejantes, autorais. Assim, queremos enfatizar a importância de o currículo abarcar as possibilidades desse enredamento “fala prosaica/memórias orais ritualísticas” e “textos formais/literatura”, além de o professor estar atento às possibilidades que daí advêm nas criações de seus alunos, e valorizá-

las, não se restringindo a avaliações que levem em conta somente apropriações gramaticais ou de conceitos literários.

Os textos estéticos são os que parecem, como vimos, favorecer a escrita desejanter. Não queremos com isso afirmar que outros textos não sejam possíveis de ser trabalhados em aula, como seminários, apresentações, leituras de notícias e propagandas etc. Trata-se, contudo, de conferir certa primazia aos textos estéticos, pois eles permitem um enredamento no tempo e no espaço, são a tradição da língua, trazem em si uma herança, são também uma matriz para leituras polissêmicas, capazes de evocar memórias e fazê-las reverberar nas produções escritas dos alunos.

Referências bibliográficas

- ANTOLOGIA da poesia brasileira:** Romantismo. Vários autores. São Paulo: Ática, 2006.
- BELINTANE, Claudemir. **Da corporalidade lúdica à leitura significativa:** subsídios para a formação de professores. São Paulo: Scortecci, 2017.
- _____. A alienação e a separação na paródia: estratégia para a produção de texto com alunos de nove anos. In: CALIL, Eduardo; BORÉ, Catherine. **Criação textual na sala de aula.** Maceió: Edufal, 2015.
- FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.4: A interpretação dos sonhos (I).
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação.** Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **O seminário, livro 11.** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LAURENT, Eric. Alienação e separação I e II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maïre (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LIMA, Jorge de. **Novos poemas;** poemas escolhidos; poemas negros. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.

NANCI, Katia A. F. **O letramento na contemporaneidade:** o papel das narrativas na aprendizagem da leitura e da escrita e sua relação com as mídias contemporâneas. São Paulo, 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.